



Estrutura do saldo migratório na Região Alentejo de 1991 a 2001 e sua influência na dinâmica populacional

Autora: Maria Filomena Mendes

Professora Associada - Departamento de Sociologia - Universidade de Évora

mmendes@uevora.pt

Resumo:

Apesar do agravamento do saldo natural negativo da população na Região Alentejo desde a década de 80, os dados dos recenseamentos de 1991 e 2001 permitiram demonstrar a existência de um saldo migratório positivo naquele período. O objectivo do presente estudo foi o de avaliar o efeito do nível de imigração (superior ao da emigração) sobre a evolução recente daquela população e perspectivar o futuro demográfico da Região caso se mantivesse o saldo migratório positivo.

A análise das migrações é sempre difícil já que os dados demográficos de base ou são inexistentes, ou apresentam muitas lacunas, principalmente quando se trata de um estudo de carácter regional, em que não só são necessários dados exactos sobre as migrações internacionais como também sobre as internas. Na estimação da migração líquida e na avaliação do contributo da imigração para o crescimento populacional observado foram utilizados métodos indirectos.

Este exercício pretende mostrar o impacto que teria a dinâmica migratória na estrutura populacional da Região, isto é, se a invariabilidade de um saldo migratório positivo, com a mesma estrutura por sexos e idades, seria, ou não, demograficamente favorável para a Região.

Os resultados obtidos demonstraram que a distribuição por idades do saldo migratório foi negativa para a demografia da Região. A projecção elaborada para os próximos 20 anos, considerando constante o quadro migratório observado, sugere que, apesar daquele quadro poder atenuar o ritmo de declínio da população considerada no seu conjunto, o mesmo agravaria substancialmente o seu envelhecimento e reduziria a população em idade potencialmente activa.

Net migration in the Alentejo Region from 1991 to 2001 and its effects in population change

Palavras Chave: migração líquida, dinâmica populacional, Região Alentejo, projecções demográficas.

Abstract

In spite of the deepening of the negative balance between births and deaths of the Alentejo Region's population in the decade of 80 of the last century, the 1991 and 2001 census data evidenced a positive net migration. The goal of the current study was to evaluate the effect of the higher immigration level (than the emigration one) on the recent population evolution and to forecast the demographic future of the Region if the positive net migration remains positive.

The migration analysis is always a difficult task due to the lack of demographic data or to the gaps in those data. This is particularly true for regional studies which require precise data concerning internal and international migration. Indirect methods were used in the estimation of net migration and in the evaluation of the immigration contribute for the observed population growth.

This essay intends to show the impact the migratory change would have in the Region's population structure, that is, if the invariability of a positive net migration, with the same structure by age and sex, would or would not be demographically positive for the Region.

The results demonstrate that the distribution by ages of net migration was negative to the demography of the Region. Considering constant the observed migratory picture, which could attenuate the population declining rate, the projections for the next 20 years suggest that, with same migration patterns, the total population would become older and the population in the potentially active age would decrease.

Key words: net migration, population change, Region of Alentejo, population projections.

Introdução

A Região Alentejo foi a única que, no espaço continental português¹, viu diminuir a sua população residente entre 1991 e 2001 (INE, 1991; 2001)².

A diminuição do efectivo de uma população pode ficar a dever-se quer ao défice de nascimentos face aos óbitos, quer a um saldo negativo entre emigrantes e imigrantes, quer à conjugação destes dois factores.

O conhecimento da influência de cada um destes factores sobre o crescimento populacional é fundamental não só para a explicitação do fenómeno verificado, mas também para a previsão da evolução futura do referido crescimento.

A análise dos nascimentos relativamente aos óbitos reportados pelas Estatísticas Demográficas anuais do INE referentes ao período considerado evidencia um decréscimo populacional maior do que o calculado a partir dos dados censitários anteriormente referidos.

Nestas condições conclui-se ter havido um saldo migratório positivo entre 1991 e 2001, o qual atenuou o efeito do desequilíbrio entre nascimentos e óbitos.

Não havendo trabalhos publicados que se tenham debruçado sobre a natureza das alterações demográficas que condicionaram o decréscimo populacional na Região Alentejo naquele período, foi realizado (com base nos dados dos recenseamentos de 1991 e 2001) o presente estudo, o qual obedeceu aos seguintes objectivos: (1) calcular a composição e a estrutura do saldo migratório, (2) o seu contributo para o crescimento populacional e (3) o impacto que a manutenção de um saldo com idênticas características teria na formatação das estruturas populacionais num período compreendido entre 2001 e 2021.

Métodos

Face às limitações das várias metodologias de investigação aplicáveis neste domínio, discute-se a seguir as diferentes metodologias habitualmente utilizadas e as circunstâncias que melhor justificam/validam a utilização de cada uma delas.

Perspectivas metodológicas na análise das migrações

Devido ao facto de, em Portugal, não dispormos de registos que nos facultem dados exactos sobre as alterações de residência de toda a população, quer a nível interno, quer a nível internacional, não é possível contabilizar directamente o número preciso de emigrantes. No respeitante aos dados sobre a imigração, se por um lado em termos de migrantes internos deparamos com uma situação idêntica (i. e., ausência de informação), por outro lado, no que se refere aos imigrantes internacionais, existem dados fornecidos, quer pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), quer pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). Estes dados, obtidos a partir de registos oficiais, não contemplam, obviamente, os imigrantes clandestinos e/ou ilegais.

Nestas circunstâncias, foram utilizados métodos indirectos para estimar a migração líquida, tendo por base dados recolhidos nos recenseamentos.

Em primeiro lugar foi calculada a migração líquida total, como resíduo da equação de concordância, reportada ao período compreendido entre 1991 e 2001.

Este método, também denominado “Intercensal Component Method for the Total Population”³, constitui uma primeira aproximação ao valor líquido do número de migrantes (diferença entre o total de entradas e o total de saídas).

¹ A Região Autónoma da Madeira experimentou igualmente um decréscimo da população residente, entre 1991 e 2001.

² INE - Instituto Nacional de Estatística, Lisboa: XIII Recenseamento Geral da População, 1991 e XIV Recenseamento Geral da População, 2001.

³ Edmonston, B. and Margaret Michalowski, (2004), “International Migration”, chapter 18, in Siegel, J. S. and D. A. Swanson, (eds), *The Methods and Materials of Demography*, Elsevier Academic Press, London, p. 471.

A fórmula geral implica um rearranjo da equação de concordância que desagrega o crescimento populacional ($P_1 - P_0$), verificado entre dois momentos censitários, como a soma algébrica dos dois saldos que o compõem: o saldo natural, enquanto resultado da diferença entre o número de nascimentos (**N**) e o número de óbitos (**O**), e o saldo migratório, consequência da subtração do número de imigrantes (**I**) ao número de emigrantes (**E**). A migração líquida é representada pelo resíduo, diferença entre o crescimento populacional e o saldo natural.

$$(I - E) = (P_1 - P_0) - (N - O)$$

Nesta base, não é possível estimar separadamente os números de entradas e de saídas da Região, mas somente um valor líquido total, cujo sinal, positivo ou negativo, apenas indica se o número de imigrantes foi, ou não, superior ao de emigrantes.

Este método apresenta ainda outras desvantagens na medida em que, ao trabalhar com dados agregados, os resultados obtidos são influenciados pela qualidade dos mesmos, quer os provenientes das estatísticas vitais (deficiente registo do número de nascimentos e de óbitos entre os dois momentos censitários), quer os dos próprios recenseamentos (nomeadamente erros de cobertura e de registo em qualquer uma das operações censitárias). Acresce que, quanto menor for a área geográfica em estudo, maior a probabilidade de erro nos resultados. Numa situação em que o volume de migrantes seja reduzido, o erro relativo da migração líquida pode ser considerável.

Outra dificuldade advém do facto de a base de dados utilizada ter resultado de uma operação estatística que não teve por objectivo quantificar as migrações, impedindo a desagregação do número total de migrantes líquidos em emigrantes e imigrantes. Tão pouco possibilita a separação entre emigrantes e imigrantes internos e internacionais e a quantificação do número de emigrantes retornados ao país de origem.

O mesmo método exclui, ainda, a possibilidade de avaliar os fluxos migratórios, reduzindo a estimação apenas ao número de migrantes. Exemplificando: um indivíduo que tenha saído de um país e fixado residência num outro, durante um número de anos inferior ao intervalo entre os censos, e que tenha regressado antes da data do último censo, é contabilizado como um não migrante; um outro indivíduo que tenha imigrado depois do primeiro censo e regressado ao país de origem antes do segundo, é completamente ignorado neste processo de cálculo; um indivíduo que tenha emigrado ou imigrado várias vezes durante o período em análise é, no máximo, registado como um único emigrante ou imigrante. Como consequência, a análise das migrações enquanto fluxos encontra-se fora do alcance de qualquer metodologia baseada em dados recolhidos nos censos.

Atendendo a que os censos informam sobre *stocks* de migrantes e não sobre fluxos, Newell (1988)⁴, considera que o método é, por vezes, inexacto na medida em que requer que os dados de base utilizados (quer os dos censos, quer os das estatísticas vitais) sejam extremamente precisos, já que pequenos erros em qualquer um daqueles conjuntos de dados podem conduzir a grandes erros nas estimativas das migrações. No caso particular deste estudo, os dados das estatísticas do registo civil e dos censos utilizados, possuem a qualidade exigível (Casimiro, 1998, 1999⁵ e Carrilho 2002⁶).

Carrilho (2002)⁷, calcula a migração residual introduzindo o factor de correcção “erros de cobertura” associado aos recenseamentos de 1991 e 2001, obtidos através do Inquérito de Qualidade realizado conjuntamente com ambas as operações censitárias⁸.

De acordo com a autora os resultados para a NUTS II Alentejo (incluindo a NUTS III, Lezíria do Tejo) são, sem correcção, iguais a +30 965, e, com correcção, a +27 858 migrantes.

⁴ Newell, C., (1988), *Methods and Models in Demography*, The Guilford Press, New York, p. 86.

⁵ Casimiro, F. S., (1998), *A Avaliação da Qualidade nos Recenseamentos da População e Habitação de 2001 em Portugal*, in *Revista de Estatística*, 2º QUAD 1998, Nº.8, INE, Lisboa.

Casimiro, F. S., (1999), *Os censos 2001 em Portugal*, in *Revista de Estatística*, 2º QUAD 1999, Nº.11, INE, Lisboa.

⁶ Carrilho, M. J. (2002), *Evolução Demográfica no período intercensitário 1991-2001*, in *Seminário Censos 2001- Resultados Definitivos*, INE, Lisboa.

⁷ Carrilho (2002), *op. cit.*

⁸ De acordo com a seguinte fórmula:

$$\text{População}_{2001} = \text{População}_{1991} + \text{SN}(15.04.91, 12.3.01) + \text{SM}(15.04.91, 12.3.01) + e_{1991} + e_{2001}$$

Os censos são, em resumo, uma fonte de informação que não deve ser desprezada ou desaproveitada, principalmente em situações de escassez de dados estatísticos recolhidos com o objectivo específico de medir ou avaliar as migrações.

Em segundo lugar, foi utilizado o “*intercensal cohort-component method*” normalmente aplicado à estimação da migração líquida, por coortes⁹, em função da idade, para o total da população e para cada grupo de idades (Siegel and Swanson, 2004). Este procedimento, implica o cálculo de estimativas para as diferentes coortes, por idade ou grupos de idades, tendo por base a evolução em separado de cada uma das componentes da dinâmica populacional (*population change*), em particular a mortalidade e a fecundidade.

No caso da mortalidade (para avaliação do número de óbitos), são normalmente utilizadas as probabilidades de sobrevivência dadas pela tábua de mortalidade ou pelas *national census survival rates*¹⁰. Os óbitos referem-se, quer aos indivíduos nascidos antes do primeiro momento censitário, quer aos nascidos entre os dois censos.

Livi-Bacci (1993)¹¹, quando refere o cálculo do saldo migratório com a ajuda das tábuas de mortalidade, propõe uma correcção ao método, introduzindo no processo de cálculo a mortalidade dos migrantes.

O mesmo autor chama, no entanto, a atenção para a existência de algumas questões de base: nos saldos migratórios (migração líquida) estão compreendidos os erros desconhecidos de recolha de ambos os censos; a tábua de mortalidade não reflecte nunca completamente a mortalidade ou a sobrevivência em todo o período, particularmente num período inter censitário tão longo; os fluxos migratórios podem não estar uniformemente distribuídos ao longo do período, e a mortalidade dos migrantes pode ser distinta da mortalidade dos não migrantes.

Assim, a fórmula utilizada para todas as coortes de nascidos fora do período intercensitário é a seguinte:

$$(I_a - E_a) = P_a^1 - s P_{a-t}^0$$

Onde I_a e E_a representam imigrantes e emigrantes numa coorte a no final do período, P_a^1 a população com esta idade no segundo censo, P_{a-t}^0 a população t anos mais jovem no primeiro censo, e s a probabilidade de sobrevivência para esta coorte num período intercensitário de t anos civis. A representação da probabilidade de sobrevivência simplificada na letra s , é dada por ${}_nS_{a-t}^t$ para a coorte com idade a a $a+n$ anos no fim do período t . Para as coortes de novos nascimentos, a fórmula será:

$$(I_a - E_a) = P_a^1 - s N$$

Onde N representa os nascimentos registados no intervalo intercensitário.

Este procedimento é habitualmente designado por método “forward”, na medida em que se limita a “fazer sobreviver” a população recenseada no primeiro momento durante os anos do intervalo e a encontrar, no final do período, uma população esperada que corresponderia ao efectivo de uma população fechada às migrações. A migração líquida é calculada, assim, por diferença entre a população recenseada e a população esperada.

Uma limitação deste método, já assinalada pelos próprios autores, prende-se com a tendência para o resultado obtido vir a sub ou sobrestimar o número de óbitos que ocorreram entre as duas datas. Na verdade, se se tratar de um país de emigração, a população em risco de morrer durante todo o intervalo é menor do que a população residente recenseada no início do período (tal como a população no final do período é menor do que a população média em risco), em virtude de alguns terem emigrado; a aplicação do método sobrestima, assim, o número de óbitos ocorridos no período inter censitário. Se se tratar de um país de imigração passar-se-á o contrário.

⁹ Cujo acontecimento de origem é o nascimento e que denominamos por geração.

¹⁰ De acordo com Edmonston and Michalowski (2004), “national census survival rates employs life table concepts but does not involve the actual use of life tables. National census survival rates are particularly applicable in the measurement of internal net migration, but they are also used in measuring and evaluating the level of mortality and in constructing life tables, especially for countries lacking adequate vital statistics. National census survival rates essentially represent the ratio of the population in the same birth cohort in one census to the population in the same birth cohort at the previous census. Normally, then, census survival rates pertaining to the children born in the decade are not computed.”

¹¹ Livi-Bacci, M., (1993), *Introducción a la Demografía*, Editorial Ariel, S. A., Barcelona, p. 317.

Para ultrapassar o referido problema da sobre ou subestimação, os mesmos autores propuseram um ajustamento aos óbitos “implicados” pelo processo de cálculo, contemplando a mortalidade dos migrantes. Este ajustamento pode ser efectuado por dois processos distintos.

O primeiro passa pela inversão do procedimento de cálculo, ou seja, pelo cálculo da população que haveria no momento do primeiro censo, a partir do “rejuvenescimento” da população recenseada no segundo. Este processo de cálculo denomina-se método inverso (“reverse”), uma vez que a estimativa é obtida do segundo momento (momento censitário 1) para o primeiro momento (momento censitário 0), dividindo as coortes em cada idade “a” pela probabilidade de sobrevivência entre “a” e “a+n”.

Se denominarmos por M_1 a estimativa obtida pelo método “forward”, e por M_2 a obtida pelo método “reverse”, as fórmulas de base para os cálculos respectivos são as seguintes:

$$M_1 = (I_a - E_a) = P_a^1 - s P_{a-t}^0$$

$$M_2 = (I_a - E_a) = P_a^1 / s - P_{a-t}^0$$

Finalmente, num segundo passo, calcula-se a média destas estimativas:

$$M_3 = (M_1 + M_2) / 2$$

De acordo com Siegel & Hamilton¹², a média das estimativas obtidas por aplicação dos métodos “forward” e “reverse” é uma solução adequada para eliminar a distorção introduzida nas estimativas da migração líquida derivada da aplicação do método das taxas de sobrevivência (distorção originada nas estimativas dos óbitos dos emigrantes e dos imigrantes, inerente a cada um dos métodos). De acordo com Edmonston & Michalowski (2004)¹³, as estimativas obtidas através da média são bastante mais correctas do que as do método “forward”, em particular no que respeita às coortes com idades superiores a 60 anos, para as quais as probabilidades de sobrevivência são mais baixas e onde as diferenças entre os dois métodos são mais evidentes. Este ajustamento apresenta duas desvantagens: em primeiro lugar há que sempre calcular as estimativas com base em ambos os métodos; em segundo lugar, no cálculo da média, a ponderação de cada uma das estimativas é arbitrária.

Nazareth (1979) aplicou a equação de concordância e o método da média na análise de dados referentes ao período compreendido entre 1930 e 1970, tanto para Portugal como para as suas regiões. Em ulteriores publicações sobre a demografia portuguesa, este autor designa estes métodos (“forward”, “reverse” e da média) como “métodos da população esperada”¹⁴.

Um segundo processo de ajustamento, parte indiferentemente do método “forward” ou “reverse”, e baseia-se na aplicação de uma única equação que entra em linha de conta com a raiz quadrada da probabilidade de sobrevivência observada durante o intervalo censitário, a qual representa a sobrevivência para aproximadamente metade do período (Siegel, 2002)¹⁵.

¹² Siegel, J. S. and C. H. Hamilton, “Some considerations in the Use of the Residual Method of Estimating Net Migration”, *Journal of the American Statistical Association*, 47 (259): 475-500, Sept. 1952, citado por Barry Edmonston and Margaret Michalowski, “International Migration”, chapter 18, in Siegel, J. S. and D. A. Swanson, (eds), *The Methods and Materials of Demography*, Elsevier Academic Press, London, 2004, p. 472.

¹³ Edmonston, B. and Margaret Michalowski, (2004), *op. cit.*

¹⁴ Nazareth, J. M., (1979), *O Envelhecimento da População Portuguesa*, Editorial Presença / Gabinete de Investigações Sociais, Lisboa, p. 139.

Carrilho, M. J. (2002), *Evolução Demográfica no período intercensitário 1991-2001*, in Seminário Censos 2001 – Resultados Definitivos, INE, Lisboa.

¹⁵ Siegel, J. S., *Applied Demography: Applications to Business, Government, Law and Public Policy*, Academic Press, San Diego, (2002), pp. 22-23. Este método foi originalmente aplicado na estimação de reformas pelo método residual da tábua de mortalidade, cf. M. Gendell and J. S. Siegel, “Trends in Retirement Age by Sex, 1950-2005”, *Monthly Labor Review* 115 (7): 22-29, July 1992.

Ponderadas todas estas questões metodológicas, as fórmulas utilizadas foram as seguintes:

$$M_F = (I_a - E_a)_F = (P_a^{-1} - s P_{a-t}^0) / \sqrt{s}$$

$$M_R = (I_a - E_a)_R = [(P_a^{-1} / s) - P_{a-t}^0] * \sqrt{s}$$

$$M_F = M_R = (I_a - E_a)$$

No que respeita às estimativas dos óbitos no intervalo intercensitário, foram utilizadas as probabilidades de sobrevivência dadas pela tábua de mortalidade e não pelas *national survival rates*, na medida em que não se poderia considerar a população portuguesa como uma população fechada às migrações. Apesar da aplicação daquelas taxas ter muito interesse no processo de estimação da imigração pelo método residual, os valores dos fluxos emigratórios registados na década de 90, a nível nacional, iriam introduzir um enviesamento nos resultados que impediria qualquer tipo de conclusões válidas.

As probabilidades de sobrevivência foram estimadas a partir das tábuas de mortalidade, construídas com base na população recenseada, em 1991 e em 2001, e nos óbitos médios registados em 1990 e 1991 e 2000 e 2001, respectivamente¹⁶.

A probabilidade dos indivíduos com idades compreendidas entre x e $x+a$, em 1991, sobreviverem até às idades $x+10$ a $x+a+10$, em 2001, foi estimada com base no pressuposto de que, durante o primeiro quinquénio, o nível de mortalidade se manteve idêntico ao medido pela tábua de mortalidade de 1990/1991, e de que, ao longo do segundo quinquénio, o nível de mortalidade passou a ser o observado em 2000/2001.

Assim, para todas as coortes já nascidas antes do primeiro censo (com excepção para o último grupo aberto) a probabilidade de sobrevivência (S), entre 1991 e 2001, foi dada por:

$$S_{x, x+a, x+10, x+a+10}^{1991-2001} = S_{x, x+a, x+5, x+a+5}^{1991} * S_{x+5, x+a+5, x+10, x+a+10}^{2001}$$

em que a representa o intervalo de idades (neste caso, foram utilizados grupos de idades quinquenais, portanto $a=5$).

Por sua vez, as probabilidades de sobrevivência foram estimadas, em cada tábua de mortalidade (a partir do cálculo do número de anos vividos pela população entre x e $x+a$, ${}_aL_x$), através da seguinte fórmula:

$$S_{x, x+a, x+5, x+a+5} = {}_aL_{x+a} / {}_aL_x$$

No caso do último grupo aberto, a probabilidade de sobrevivência foi estimada (em função do cálculo do número de anos vividos a partir de uma dada idade x , T_x) através das seguintes fórmulas:

$$S_{85+}^{2001} = T_{85} / T_{80}$$

$$S_{75+}^{1991} = T_{75} / T_{70}$$

No respeitante aos indivíduos que nasceram após o primeiro momento censitário, quer no primeiro quinquénio (1991-1995), quer no segundo (1996-2000), as probabilidades de sobrevivência foram calculadas com base na seguinte fórmula:

$$L_{0-4} / 5I_0$$

¹⁶ No cálculo dos quocientes de mortalidade infantil foi utilizada a repartição dos óbitos efectivamente verificada, tendo os ponderadores K' e K'' sido deduzidos a partir de dados reais: óbitos, por tripla classificação (geração, ano da ocorrência e idade).

Para analisar a influência da migração líquida na variação da população residente, foi estimado, em primeiro lugar, o “ganho” líquido total, diferença entre a população recenseada em 2001 e a população que haveria na ausência de migrações. Para tal, “fez-se sobreviver” a população inicial 2001¹⁷, de acordo com as probabilidades de sobrevivência calculadas através das tábuas de mortalidade no início¹⁸ e no final¹⁹ do período; foi igualmente estimado o número de nascimentos a que esta população teria dado origem, mantendo a hipótese da migração líquida igual a zero (isto é, se nenhuma mulher entre os 15 e os 49 anos completos tivesse emigrado e se nenhuma outra mulher, naquele intervalo de idades, tivesse imigrado); estes nascimentos foram estimados com base nas taxas de fecundidade específicas por idades, anuais, calculadas a partir dos nascimentos anuais registados entre 1991 e 2000, e a população média feminina em idade fértil, calculada a partir das estimativas para 31/12 de cada um dos anos civis, publicadas pelo INE e já corrigidas com os resultados do censo de 2001²⁰. No que respeita a estes nascimentos estimados, também se “fizeram sobreviver”, de acordo com as respectivas probabilidades de sobrevivência (entre os 0-4 anos e os 5-9 anos, no caso dos nascimentos estimados para o período entre 1991 e 1996, e entre os 0-4, no caso dos nascimentos estimados para o período de 1996 a 2001). O método utilizado foi o método por coortes e componentes, utilizando, no caso da mortalidade, o método das probabilidades de sobrevivência da tábua de mortalidade. Este método baseia-se no pressuposto de que, cada coorte será, ao longo do período em análise, submetida ao efeito de cada uma das componentes da dinâmica populacional - *population change* (mortalidade, fecundidade e migrações). No presente estudo, foi utilizado um cenário em que se mantiveram os níveis de mortalidade e de fecundidade idênticos aos efectivamente observados na região, naquele período, e uma migração líquida igual a zero.

O cálculo dos nascimentos da população feminina inicial implicou o cálculo de taxas de fecundidade específicas por grupos de idades, ano a ano, entre 1991 e 2001, tal como a estimação da população feminina sobrevivente, também numa base anual.

A população feminina em idade fértil, entre os 15 e os 49 anos completos, sobrevivente ano a ano, foi calculada por interpolação entre a população inicial e a população sobrevivente estimada em 1.1.1996 e, entre esta e a sobrevivente estimada em 1.1.2001.

Finalmente, através de um exercício simples de extrapolação, utilizando o mesmo tipo de raciocínio, e seguindo o método por coortes e por componentes, foi feita a projecção da população da Região Alentejo até ao final do ano 2020, mantendo o cenário tendencial, sendo este entendido como a manutenção dos ritmos de variação da mortalidade e da fecundidade observados na última década do século XX, bem como do contingente migratório registado no mesmo período.

Como inicialmente referido, o presente estudo visou estimar o impacto que teria a dinâmica migratória na estrutura populacional da Região, isto é, se a invariabilidade de um saldo migratório positivo, com a mesma estrutura por sexos e idades, seria, ou não, demograficamente favorável para o Alentejo.

O método de projecção por coortes e por componentes é um método clássico que se baseia no princípio de “fazer sobreviver” cada uma das coortes ao longo do período de projecção, de acordo com as probabilidades de morte esperadas. Esta evolução foi corrigida pela fecundidade esperada, introduzindo assim no cálculo as futuras coortes de nascimentos que foram condicionadas às probabilidades de sobrevivência estimadas por idades sucessivas, em cada um dos anos civis seguintes. Finalmente, esta projecção inicial foi corrigida pelas migrações líquidas, mantendo, neste caso particular, em cada uma das décadas, o volume e a estrutura da migração líquida estimada para a Região Alentejo na década de 90.

¹⁷ “Fazer sobreviver” tem por base um processo de cálculo que implica sujeitar a população inicial, no 1º de Janeiro de 1991, de uma dada coorte, com idades compreendidas entre x e $x+a$, à probabilidade de sobreviver até ao grupo de idades $x+5$ a $x+a+5$, no 1º de Janeiro de 1996, para em seguida, submeter esta estimativa à probabilidade de sobreviver entre $x+5$ a $x+a+5$, no 1º de Janeiro de 1996 e $x+10$ a $x+a+10$, no 1º de Janeiro de 2001.

¹⁸ As probabilidades de sobrevivência por grupos de idades quinquenais e por sexos, aplicadas durante o primeiro quinquénio (1º de Janeiro de 1991 ao 1º de Janeiro de 1996), foram retiradas das tábuas de mortalidade para 1990/91, que foram construídas com base nos óbitos registados em 1990 e 1991, nos nascimentos de 1989, 1990 e 1991 e na população recenseada em 1991.

¹⁹ As probabilidades de sobrevivência por grupos de idades quinquenais e por sexos, aplicadas durante o segundo quinquénio (1º de Janeiro de 1996 ao 1º de Janeiro de 2001), foram retiradas das tábuas de mortalidade para 2000/01, construídas com base nos óbitos registados em 2000 e 2001, nos nascimentos de 1999, 2000 e 200 e na população recenseada em 2001.

²⁰ INE, (2003), *Estimativas Definitivas da População Residente Intercensitárias, 1991-2000, Portugal, NUTS II, NUTSIII e Municípios*, INE, Lisboa.

Resultados

Estrutura Etária do Saldo Migratório de 1991 a 2001 na Região Alentejo

De acordo com a aplicação da equação de concordância aos dados dos recenseamentos de 1991²¹ e 2001, foi obtido um saldo migratório total positivo de +16 173 indivíduos, +10 924 homens e +5 249 mulheres²² (Quadro 1).

Quadro 1

Migração líquida na Região Alentejo (1991-2001)			
Método da equação de concordância	Ambos os Sexos	Sexo Masculino	Sexo Feminino
Migração líquida total (I - E)	16 173	10 924	5 249
População recenseada em 1991 (P ₀)	549 362	268 681	280 681
Nascimentos entre 1991 e 2001 (N)	46 901	24 084	22 817
Óbitos registados entre 1991 e 2001 (O)	76 683	41 293	35 390
População esperada em 2001	519 580	251 472	268 108
População recenseada em 2001 (P ₁)	535 753	262 396	273 357

Fonte: Recenseamentos e Estatísticas Demográficas, INE; elaboração própria

²¹ Reconstruímos a NUTS II (nomenclatura de 2001) Alentejo, acrescentando ao efectivo populacional da Região os dados da população residente no concelho de Gavião. Este concelho pertencia, à data do recenseamento de 1991, à NUTS II, Região de Lisboa e Vale do Tejo, mais especificamente à NUTS III, Médio Tejo, enquanto que em 2001, já fazia parte da Região Alentejo, NUTS III, Alto Alentejo.

²² Em 1991, o Instituto Nacional de Estatística realizou o XIII Recenseamento Geral da população e o III Recenseamento Geral da Habitação, como o momento censitário definido para as zero horas do dia 15 de Abril de 1991; o XIV Recenseamento Geral da População e o IV Recenseamento Geral da Habitação, realizado em 2001, teve como momento censitário as zero horas do dia 12 de Março de 2001. A diferença temporal entre os dois momentos censitários não corresponde a um número exacto de anos civis. De acordo com o Manual X das Nações Unidas - Indirect Techniques for Demographic Estimation, (http://www.un.org/esa/population/publications/Manual_X/Manual_X.htm), Chapter IX, Estimation of adult mortality using successive census age distributions, pp. 198 - nos intervalos intercensitários que não correspondam a um número exacto de anos civis deve fazer-se um pequeno ajustamento, ou a uma população ou à outra, de modo a definir um intervalo com um número de anos exactos. A taxa de crescimento intercensitária r deverá ser calculada através da fórmula:

$$r = [\ln(N_2) - \ln(N_1)]/t$$

onde N_2 é a população total registada no segundo censo, N_1 é a população total registada no primeiro censo e t é o período intercensitário medido em anos.

Esta taxa de crescimento pode ser utilizada para mover, quer a primeira, quer a segunda distribuição por idades, ao longo do intervalo de tempo requerido. Se a parte decimal de t for menor do que 0,5, o intervalo deverá ser encurtado para t anos exactos, se for maior do que 0,5, alargado para $t+1$ anos exactos. Representando por z a parte decimal de t , o intervalo poderá ser reduzido a t anos, multiplicando cada grupo de idades do primeiro censo por um factor $\exp[-rz]$ ou multiplicando cada grupo de idades do segundo censo por um factor $\exp[rz]$. O intervalo pode ser alargado multiplicando cada grupo de idades do primeiro censo por um factor $\exp[r(z-1.0)]$ ou multiplicando cada grupo de idades no segundo censo pelo factor $\exp[r(1.0-z)]$.

Aplicando aos dados de 1991 aquele factor de ajustamento a diferença obtida em termos da composição da migração líquida por sexos e idades revelou-se inexpressiva.

Todos os cálculos que a seguir se apresentam foram elaborados com base na hipótese de fazer coincidir os momentos censitários com as datas de 1º de Janeiro dos respectivos anos civis. Esta opção resultou da constatação de que as diferenças entre aqueles resultados e os obtidos considerando a existência de movimento demográfico (nascimentos e óbitos) entre 01.01.1991 e 15.04.1991 e entre 01.01.2001 e 12.03.2001, eram muito pequenas no que respeita aos valores totais da migração líquida e não alteravam minimamente o seu perfil. Uma segunda razão relacionou-se com o facto de que, no decurso da aplicação do método de decomposição por sexos e idades, teriam de ser admitidas hipóteses (relativamente, por exemplo, à estimação dos óbitos) que iriam introduzir enviesamentos adicionais, que diminuiriam o ajustamento das estimativas finais apesar de, eventualmente, se estar a aumentar o rigor dos dados de base. Em função dos objectivos do presente estudo, a utilização de dados reportados aos momentos censitários não aumentava o rigor científico da metodologia, nem alterava as conclusões.

O saldo migratório total²³ será, ao longo do artigo, também denominado por migração líquida ou migração líquida total, estimado pela diferença líquida entre o número de migrantes.

A migração líquida compensou, em parte, o elevado défice de nascimentos verificado na Região Alentejo na última década do século XX. Teriam sido necessários aproximadamente 30 000 nascimentos, para que se igualasse o número de óbitos registados naquele período (Quadro 2).

Quadro 2

Composição do crescimento líquido total da população na Região Alentejo (1991-2001)			
1991-2001	Ambos os Sexos	Sexo Masculino	Sexo Feminino
Défice de nascimentos	-29 782	-17 209	-12 573
Migração líquida total	16 173	10 924	5 249
Crescimento líquido total	-13 609	-6 285	-7 324

Fonte: Recenseamentos e Estatísticas Demográficas, INE; elaboração própria

Um excedente de entradas (relativamente às saídas) estimado em 16 173 indivíduos, atenuou o decréscimo populacional que se teria verificado se considerados apenas os níveis de mortalidade e de fecundidade, não tendo sido, contudo, suficiente para que a população registasse um crescimento positivo. No período em análise, em média, a população decresceu a um ritmo de -0,25% ao ano²⁴, tendo a perda de população incidido sobretudo no sexo feminino.

Os resultados da primeira estimativa do “ganho” total líquido encontram-se no Quadro 3.

Quadro 3

"Ganho" total líquido da população da Região Alentejo (1991-2001)			
Cálculo da estimativa do "ganho" total líquido	Total	Homens	Mulheres
População recenseada em 1991	549 362	268 681	280 681
Nascimentos da população inicial	47 275	24 205	23 070
Sobreviventes em 2001 (migração líquida = 0)	522 749	253 474	269 275
População recenseada em 2001	535 753	262 396	273 357
Estimativa do "ganho" líquido devido à migração líquida	13 004	8 922	4 082

Fonte: Recenseamentos e Estatísticas Demográficas, INE; elaboração própria

Na ausência de migrações, e mantendo níveis idênticos de mortalidade e de fecundidade, a população estimada seria igual a 522 749 indivíduos (253 474 homens e 269 275 mulheres). Por subtração da população recenseada em 2001, infere-se um “ganho” líquido de 13 004 residentes no Alentejo (8 922 homens e 4 082 mulheres), atribuível às migrações líquidas.

²³ O saldo migratório total mede a diferença entre o total de entradas, por um lado, e, o total de saídas, por outro, sem distinção, nem do tipo de movimentos (dentro do próprio país, de ou para o estrangeiro, retorno), nem do número de vezes que um mesmo indivíduo tiver migrado.

²⁴ Aplicando os procedimentos sugeridos pelo Manual X das Nações Unidas (*op. cit.*) os valores da taxa corrigida teriam sido iguais a -0,2644% para o sexo feminino, -0,2367% para o sexo masculino e -0,2508% para ambos os sexos. As diferenças relativamente aos valores apresentados são inexpressivas.

A desagregação deste “ganho” nas suas componentes está representada no Quadro 4. Continuando a estimar a migração líquida como um resíduo, foram introduzidas na análise, separadamente, as estimativas dos nascimentos e dos óbitos relativos à população inicial e as estimativas dos migrantes líquidos.

Quadro 4

Composição do “ganho” líquido total da população da Região Alentejo (1991-2001)			
Estimativa do “ganho” total líquido devido à migração líquida, por componentes	Total	Homens	Mulheres
Migração líquida estimada como resíduo	16 173	10 924	5 249
População recenseada em 1991	549 362	268 681	280 681
População recenseada em 2001	535 753	262 396	273 357
Nascimentos como registados nas estatísticas oficiais	46 901	24 084	22 817
Óbitos como registados nas estatísticas oficiais	76 683	41 293	35 390
Nascimentos estimados, respeitantes aos migrantes líquidos	-374	-121	-253
Nascimentos como registados nas estatísticas oficiais	46 901	24 084	22 817
Nascimentos estimados, da população inicial	47 275	24 205	23 070
Óbitos estimados, respeitantes aos migrantes líquidos	2 796	1 881	0 914
Óbitos como registados nas estatísticas oficiais	76 683	41 293	35 390
Óbitos estimados, da população inicial	73 466	39 152	34 314
Óbitos dos nascimentos da população inicial	421	259	162
“Ganho” líquido devido à migração líquida	13 004	8 922	4 082
“Ganho” líquido da população	-13 609	-6 285	-7 324
Proporção do “ganho” líquido da população devido à migração líquida	0,4886	0,5867	0,3579

Fonte: Recenseamentos e Estatísticas Demográficas, INE; elaboração própria

Salienta-se um “ganho” líquido negativo da população (-13 609 HM), tendo a perda de população observada ficado a dever-se mais à perda de mulheres (-7 324 M) do que homens (-6 285 H). A migração líquida (estimada como resíduo) foi positiva (+16 173 HM), mais devida aos homens (+10 924 H) do que às mulheres (+5 249 M), pelo facto de o ganho resultante da imigração ter sido superior às perdas devidas à emigração. O “ganho” líquido devido à migração líquida foi positivo (+13 004 HM; +8 922 H; +4 082 M). Finalmente, a “perda” devida ao movimento natural foi negativa (-26 613 HM; -15 207 H; -11 406 M). Este saldo natural negativo resulta do défice de nascimentos, tal como foi registado pelas estatísticas oficiais, ao qual se adicionou o défice de nascimentos provocado pela emigração das mulheres em idade fértil, ao longo da década. Seria de esperar que, face à migração líquida positiva calculada, o número de nascimentos efectivamente ocorridos fosse superior ao número estimado a partir da população inicial sobrevivente, uma vez que o modelo de fecundidade foi o mesmo. Contudo a diferença entre os números de nascimentos registados e os referentes à população inicial sobrevivente foi negativa, sugerindo que o número de nascimentos de mães imigrantes terá sido insuficiente para compensar a perda de nascimentos referentes às mães emigrantes.

Estes resultados sugerem que, entre 1991 e 2001, se verificou uma perda de população feminina em idade fértil, fortemente penalizadora para uma Região caracterizada por uma já reduzida fecundidade, que não foi compensada pela fecundidade das mulheres imigrantes. Tal facto, associado aos elevados níveis de envelhecimento no topo da estrutura etária, responsáveis pelo grande número de óbitos nas idades mais avançadas, teria agravado ainda mais o saldo natural negativo (défice de nascimentos face aos óbitos registados).

Estas observações justificaram a necessidade de avaliação da distribuição, por sexos e em função da idade, da migração líquida. Num primeiro momento, foi aplicado o método “forward”, tendo as migrações líquidas, por geração e grupos de idades, sido estimadas como um resíduo, por diferença entre a população recenseada em 2001 e a resultante da população inicial sobrevivente na ausência de migrações.

Este método é susceptível de induzir erros na estimativa dos óbitos calculados pela aplicação das probabilidades de sobrevivência à população inicial, já que a população em risco sofreu alterações por força das migrações durante o intervalo de tempo entre os censos. Por outro lado, os cálculos das migrações também comportam incorrecções (calculadas enquanto resíduo), particularmente nos últimos grupos de idades.

A fim de obviar a estas limitações, foi, sequentemente, utilizado o método “reverse” e o cálculo da média das estimativas das migrações líquidas. A estimativa dos óbitos por coorte e por idades foi ajustada pelo método de Siegel.

Os resultados da aplicação do método por coortes e componentes relativamente às estimativas da migração líquida total estão representados no Quadro 5.

Quadro 5

Estimativas da migração líquida total, pelos diferentes métodos, para a Região Alentejo (1991-2001)			
Método por coortes e componentes	Ambos os Sexos	Sexo Masculino	Sexo Feminino
Método "forward"	13 592	9 119	4 473
Método "reverse"	19 353	12 479	6 874
Média	16 473	10 799	5 674
Método "forward" ajustado	15 742	10 421	5 321
Método da equação de concordância	16 173	10 924	5 249

Fonte: Recenseamentos e Estatísticas Demográficas, INE; elaboração própria

Os valores obtidos por cálculo da média das estimativas do método “forward” e “reverse” e os obtidos através do método de ajustamento proposto por Siegel, são bastante próximos.

O método “forward” clássico é aquele que apresenta valores mais baixos para as estimativas. Partindo do princípio de que a emigração ainda foi elevada na Região durante a década de 90, essa poderia ser a explicação para os valores mais baixos estimados. A população em risco teria sido, devido à emigração, menor do que a considerada. Nestas condições os óbitos reais teriam sido menos do que os estimados pelo método “forward”, e a estimativa da migração líquida total estaria assim subavaliada.

No caso dos resultados obtidos pelo método “reverse”, a situação é contrária: a estimativa tem como ponto de partida o recenseamento de 2001 e baseia-se na recuperação da população inicial, “rejuvenescendo-a”, ou seja, refazendo-a em 1991. Também neste caso a população em risco é diferente. Como as migrações líquidas são positivas (indicativas de um excedente de imigração relativamente à emigração), as estimativas daí resultantes tendem a subavaliar os óbitos e a sobreavaliar a migração líquida.

À partida, os valores mais correctos serão os resultantes da média de ambas as estimativas ou os ajustados pela fórmula proposta por Siegel.

Analisando então a distribuição por idades, verifica-se que, apesar do valor da migração líquida total ser positivo, a sua distribuição pelos diferentes grupos de idades não é uniforme (Quadro 6).

Quadro 6

Valores estimados das migrações líquidas, por sexos e idades, em função dos diferentes métodos, Região Alentejo (1991-2001)												
Idades	Método "forward"			Método "reverse"			Média			Método "forward" ajustado		
	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
0-4	-334	-232	-102	-336	-234	-102	-335	-233	-102	-335	-233	-102
5-9	-281	-169	-112	-284	-171	-113	-282	-170	-112	-282	-170	-112
10-14	1 137	610	526	1 140	613	528	1 139	612	527	1 139	612	527
15-19	928	505	424	933	508	425	930	506	424	930	506	424
20-24	-1 570	-438	-1 131	-1 579	-443	-1 136	-1 574	-441	-1 133	-1 574	-441	-1 133
25-29	-3 639	-1 442	-2 197	-3 675	-1 468	-2 207	-3 657	-1 455	-2 202	-3 657	-1 455	-2 202
30-34	-1 211	-683	-529	-1 228	-696	-532	-1 220	-690	-530	-1 220	-690	-530
35-39	1 967	1 102	865	1 998	1 126	872	1 983	1 114	869	1 983	1 114	869
40-44	1 756	1 112	644	1 797	1 146	651	1 776	1 129	647	1 776	1 129	647
45-49	1 630	1 021	608	1 675	1 058	617	1 653	1 040	613	1 652	1 040	613
50-54	1 619	832	787	1 674	871	803	1 646	852	795	1 646	851	795
55-59	1 890	1 029	861	1 993	1 104	889	1 941	1 066	875	1 941	1 066	875
60-64	2 534	1 208	1 326	2 738	1 347	1 391	2 636	1 277	1 359	2 634	1 276	1 358
65-69	3 426	2 030	1 396	3 888	2 389	1 500	3 657	2 209	1 448	3 649	2 202	1 447
70-74	1 736	1 139	596	2 143	1 466	678	1 939	1 302	637	1 928	1 292	636
75-79	619	722	-102	962	1 092	-131	791	907	-117	772	888	-116
80-84	108	319	-210	297	630	-333	203	475	-272	184	448	-265
85+	1 277	454	823	5 217	2 143	3 074	3 247	1 299	1 949	2 577	987	1 591
Total	13 592	9 119	4 473	19 353	12 479	6 874	16 473	10 799	5 674	15 742	10 421	5 321

Nota) Devido ao arredondamento dos decimais considerados nos cálculos, os totais por idades e sexos nem sempre correspondem aos somatórios das respectivas parcelas.

Fonte: Recenseamentos e Estatísticas Demográficas, INE; elaboração própria

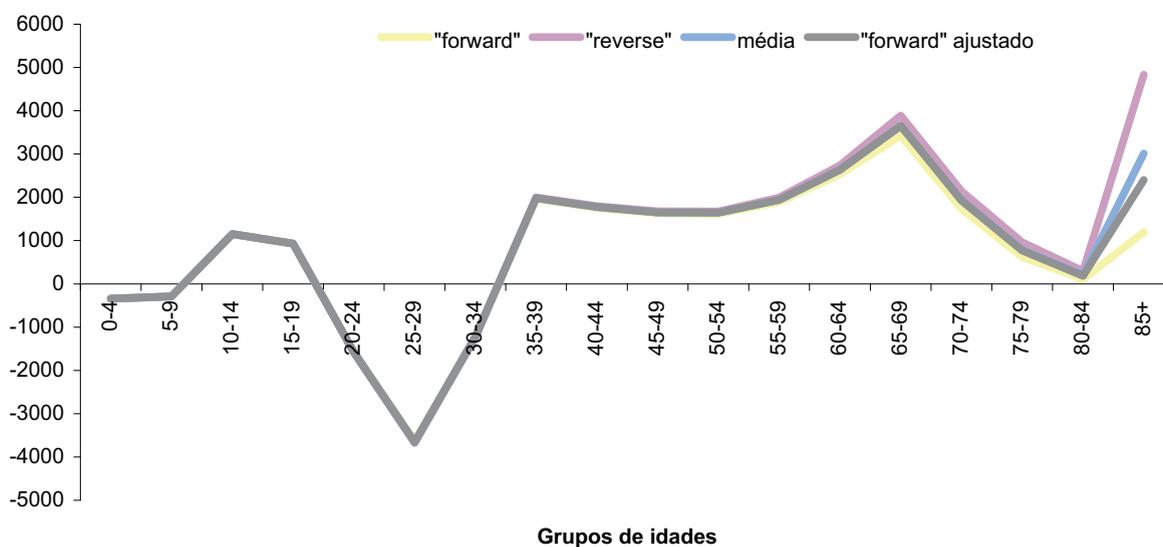
No caso da população total (homens e mulheres), foram observados valores de emigração superiores aos da imigração, nas idades compreendidas entre os 0 e os 9 anos e entre os 20 e os 34 anos. Tal significa que a Região Alentejo continuou a perder população nas idades activas jovens, com particular incidência no grupo de idades 25 a 29 anos. Este constitui um aspecto especialmente negativo para a Região. Os grupos de idades dos 65-69; 60-64; 55-59 e 35-39 anos foram aqueles em que a migração líquida apresentou valores mais elevados.

No caso dos grupos de idades compreendidas entre os 55 e os 69 anos, o excedente de entradas sobre as saídas poderá estar directamente relacionado com o fenómeno do retorno de emigrantes, quer internacional (nomeadamente de França, Alemanha, Suíça), quer interno (provenientes de outras regiões do país).

De notar ainda que as diferenças entre as estimativas se acentuam a partir do grupo de idades 50-54 anos e são mais visíveis a partir dos 80-84 anos, em consequência do aumento da probabilidade de morte (Figura 1).

Figura 1

Migração Líquida na Região do Alentejo, entre 1991 e 2001 (sexos reunidos)



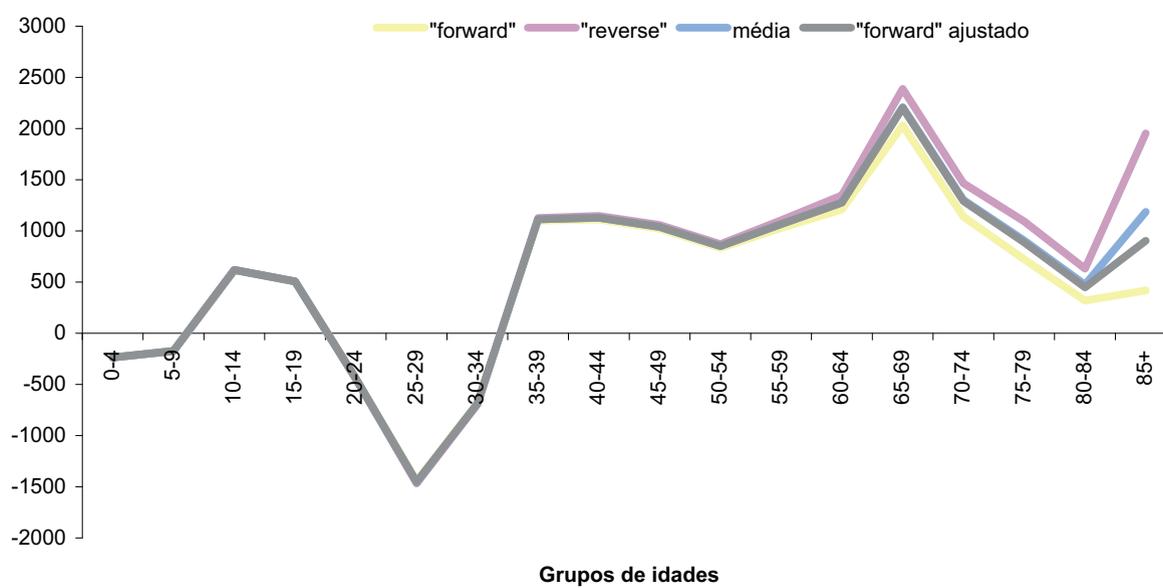
Fonte: Elaboração própria

Fazendo uma interpretação em função das restantes idades verifica-se que: (1) até aos 10 anos o saldo migratório é praticamente nulo, embora com valores negativos, mas de fraca intensidade; (2) um aumento populacional com alguma expressão na população com idades entre os 10 e os 19 anos; (3) dos 20 aos 34 anos uma perda populacional clara, muito acentuada nos grupos de idades entre 25 e 29 anos; (4) a partir dos 35 anos de idade mais entradas de população do que saídas, tratando-se de um montante relativamente estável, mas que sofre um acréscimo nas idades de saída do mercado de trabalho.

No caso dos homens, a forma da distribuição é muito semelhante à observada para os sexos reunidos (Figura 2).

Figura 2

Migração líquida na Região do Alentejo, entre 1991 e 2001 (sexo masculino)

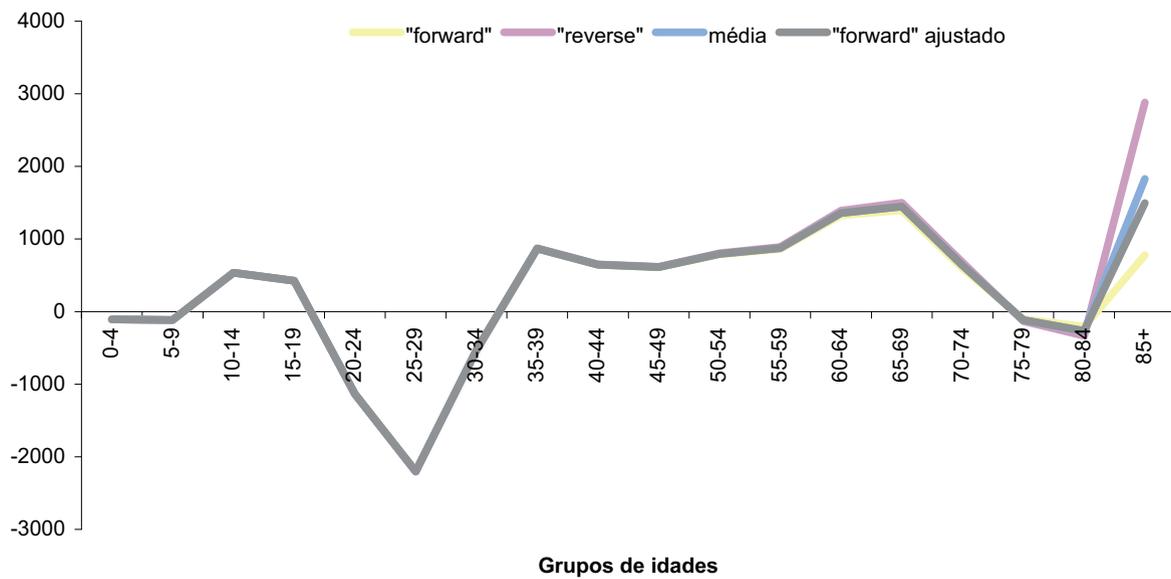


Fonte: Elaboração própria

No que se refere às mulheres, verificou-se que as estimativas se aproximam bastante até ao grupo de idades 60-64 anos, e que só a partir daí se acentua a sua divergência (Figura 3).

Figura 3

Migração líquida na Região do Alentejo, entre 1991 e 2001 (sexo feminino)

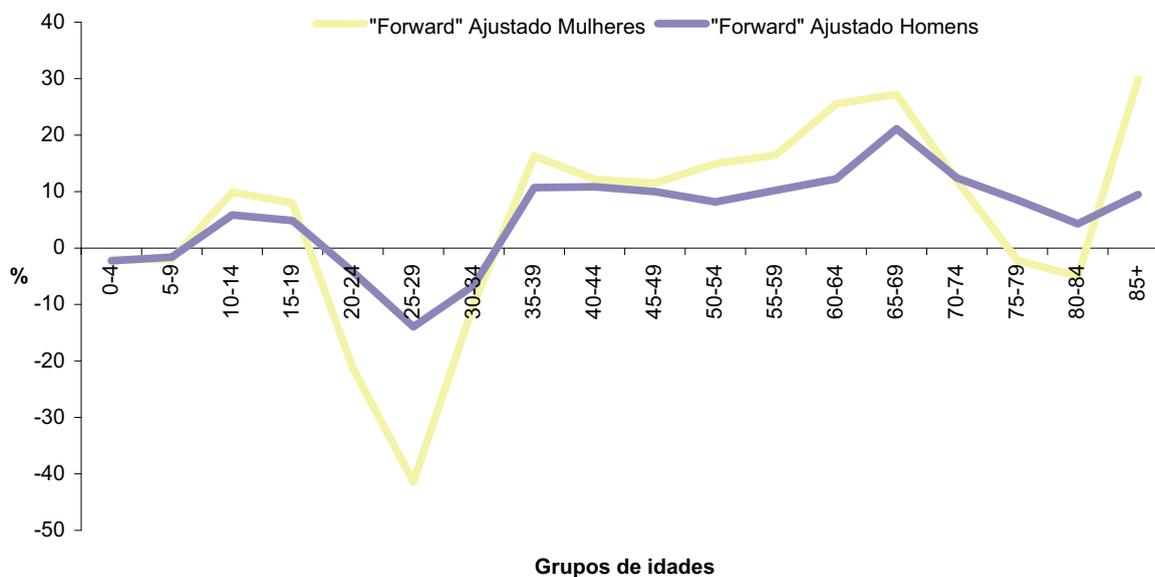


Fonte: Elaboração própria

As diferenças entre os sexos, observadas nas estruturas da migração líquida, podem ser representadas de acordo com a figura 4.

Figura 4

Migração líquida na Região do Alentejo, entre 1991 e 2001 (diferenças entre sexos)



Fonte: Elaboração própria

Em termos proporcionais, o déficit de mulheres entre os 20-24 e os 30-34 anos foi superior ao dos homens com as mesmas idades, os quais terão compensado mais com a entrada de imigrantes. Nos restantes grupos de idades, a forma das duas curvas é muito semelhante, com excepção dos grupos de idades 75-79 e 80-84 anos que, no caso das mulheres, apresentam valores negativos. Também no grupo de idades aberto (85 e mais anos), os valores de imigração obtidos foram muito elevados.

A situação, em nosso entender, poderá estar relacionada com uma incorrecta estimativa dos óbitos nos últimos grupos de idades a qual, por arrastamento, poderá ter introduzido um enviesamento na estimativa da migração líquida correspondente²⁵.

²⁵ Como os valores das probabilidades de morte nos grupos etários dos 75-79 e 80-84 anos são muito mais elevados do que nos grupos de idades inferiores, as estimativas dos óbitos podem não ser tão ajustadas. Foi considerada, num período temporal de 10 anos, uma estrutura de mortalidade média baseada nas tábuas de mortalidade de 1990/91 e de 2000/2001. No entanto, não é possível saber se os níveis de mortalidade dos últimos grupos de idades tiveram uma distribuição uniforme ao longo do período ou se, pelo contrário, a mortalidade efectivamente registada se aproximou mais da observada num dos momentos terminais. Esta situação assume particular relevância nos últimos grupos de idades, dada a diminuição das probabilidades de sobrevivência.

Considerando que se trata de um método indirecto, em que as estimativas dos óbitos possuem uma relevância crítica na avaliação da migração líquida, procurámos robustecer o cálculo das probabilidades de sobrevivência com o objectivo de encontrar valores mais ajustados.

Nesse sentido, tendo por base as estruturas populacionais anuais intermédias, obtidas a partir das estimativas publicadas pelo INE, procedemos ao cálculo das tábuas de mortalidade para meio do período. Os resultados obtidos por este procedimento não revelaram diferenças significativas, muito provavelmente por razões associadas à identidade dos próprios pressupostos metodológicos retidos na elaboração das referidas estimativas.

No entanto, o conhecimento empírico permite-nos referir que as mulheres de idade avançada, quando ficam viúvas (e em particular quando se torna difícil viverem sozinhas), vão habitualmente residir para junto dos filhos. Nos casos em que estes habitam fora da região, esta prática corrente origina um fluxo emigratório considerável, afectando predominantemente as mulheres nos grupos de idades entre os 75 e os 85 anos. A partir dos 85 anos, a situação poderá inverter-se pelo facto das mulheres (na sua maioria, viúvas) acompanharem os filhos que retornam ao Alentejo depois de reformados. Ambas as situações são particularmente evidentes nas situações em que os filhos, originalmente emigrantes internos, se deslocaram maioritariamente para as regiões de Lisboa e Setúbal, principalmente nas décadas de 60 e 70.

População Projectada até 2021

Finalmente, foi feito cálculo de projecção da população da região, por quinquénios, para os vinte anos subsequentes à data do último censo, utilizando o método por coortes e por componentes.

O objectivo deste cálculo de projecção foi o de por em evidência as repercussões sobre a estrutura por idades da população da Região, no caso de se continuar a registar o mesmo valor da migração líquida, com um perfil idêntico, por sexos e idades. Quanto às restantes componentes da dinâmica populacional, mortalidade e fecundidade, foi pressuposta a tendência de aumento da esperança de vida à nascença e de redução da mortalidade infantil, quer no caso dos homens, quer no caso das mulheres; foi igualmente assumido que a fecundidade continuaria a manter o ritmo de declínio registado na década de 90.

No Quadro 7 são resumidas as hipóteses de base adoptadas para a projecção de cada uma das componentes.

Quadro 7

Hipóteses de base adoptadas para os cálculos de projecção de cada uma das componentes da dinâmica populacional					
		Modelo de projecção (hipóteses adoptadas)			
		2001/2006	2006/2011	2011/2016	2016/2021
Mortalidade ^{a)}	H	${}_n P_x$ Tábua real 2001	${}_n P_x$ Princeton W 26	${}_n P_x$ Princeton W 27	${}_n P_x$ Princeton W 27
	M	${}_n P_x$ Tábua real 2001	${}_n P_x$ Princeton W 26	${}_n P_x$ Princeton W 27	${}_n P_x$ Princeton W 27
Fecundidade ^{b)}	HM	TFG média 2001/2006	TFG média 2006/2011	TFG média 2011/2016	TFG média 2016/2021
		0,03785	0,03560	0,03350	0,03150
Migrações ^{c)}	H	5210	5210	5210	5210
	M	2660	2660	2660	2660

a) P_b e ${}_4 P_1$ foram calculados por interpolação entre os correspondentes valores na tábua real (2001) e na tábua-tipo de Princeton nível 27W, para o sexo feminino, no 2º quinquénio da projecção.

b) O valor de partida é o de 2001 e evolui até ao final do período à taxa média de crescimento anual verificada entre 1991 e 2001.

c) Os valores para cada quinquénio correspondem a metade do saldo migratório estimado para o período 1991-2001.

Fonte: Elaboração própria

A assumpção daquelas hipóteses implica a subsistência de diferenças expressivas na mortalidade entre homens e mulheres.

Com efeito, embora o aumento no número de anos que, em média, um homem da geração de 2020 poderá esperar vir a viver, em relação ao da geração de 2001, seja superior ao aumento verificado no referente às gerações femininas correspondentes (5,22 anos contra 4,35), a esperança de vida feminina permanecerá, em 2020, consideravelmente superior à masculina (85,00 anos e 78,98, respectivamente).

O declínio da fecundidade, resultante da variação esperada nas taxas de fecundidade geral (de 39,03‰ em 2001 para 30,54‰ em 2021), originará uma redução continuada no número de nascimentos previstos para a Região.

O modelo migratório adoptado baseou-se nas estimativas das migrações líquidas por sexos e idades calculadas por aplicação do *"intercensal cohort-component method"* ajustado de acordo com a fórmula proposta por Siegel (2004)²⁶.

A comparação dos resultados obtidos na matriz de projecção, que considera apenas o movimento natural da população (mortalidade e fecundidade), e na matriz corrigida pela migração líquida, permite constatar que a adopção de um quadro migratório idêntico para as duas décadas seguintes resultaria num aumento do efectivo populacional, tal como se observa no Quadro 8.

Quadro 8

População Residente - Homens e Mulheres											
Grupos de Idades	Com migrações					Grupos de Idades	Sem migrações				
	Anos civis (1º Janeiro)						Anos civis (1º Janeiro)				
	2001	2006	2011	2016	2021		2001	2006	2011	2016	2021
0-4	22 722	21 627	19 312	16 944	14 756	0-4	22 722	21 863	19 667	17 438	15 442
5-9	23 146	22 551	21 459	19 154	16 787	5-9	23 146	22 697	21 841	19 654	17 426
10-14	26 710	23 703	23 123	22 039	19 734	10-14	26 710	23 120	22 685	21 837	19 651
15-19	32 710	27 119	24 146	23 579	22 496	15-19	32 710	26 648	23 092	22 671	21 823
20-24	36 261	31 761	26 254	23 305	22 738	20-24	36 261	32 561	26 583	23 052	22 631
25-29	34 319	34 204	29 803	24 327	21 386	25-29	34 319	36 058	32 455	26 510	22 989
30-34	33 568	33 498	33 466	29 097	23 636	30-34	33 568	34 116	35 932	32 359	26 432
35-39	35 834	34 329	34 366	34 364	30 008	35-39	35 834	33 325	33 978	35 819	32 257
40-44	35 807	36 367	35 029	35 113	35 111	40-44	35 807	35 468	33 133	33 828	35 662
45-49	33 558	36 170	36 872	35 624	35 708	45-49	33 558	35 334	35 147	32 906	33 595
50-54	31 237	33 765	36 467	37 270	36 035	50-54	31 237	32 931	34 811	34 733	32 517
55-59	29 337	31 337	33 974	36 807	37 595	55-59	29 337	30 355	32 177	34 199	34 123
60-64	34 670	29 451	31 595	34 459	37 222	60-64	34 670	28 117	29 314	31 374	33 348
65-69	38 156	34 355	29 745	32 274	35 012	65-69	38 156	32 508	26 636	28 233	30 197
70-74	33 449	35 254	32 396	28 985	31 334	70-74	33 449	34 279	29 749	25 096	26 570
75-79	26 651	28 068	30 334	29 221	26 171	75-79	26 651	27 679	29 136	26 511	22 358
80-84	15 574	19 272	21 014	24 192	23 325	80-84	15 574	19 180	20 665	23 197	21 150
85+	12 044	12 869	15 497	18 727	22 030	85+	12 044	12 869	15 468	18 571	21 501
Total	535 753	525 699	514 852	505 480	491 083	Total	535 753	519 108	502 468	487 987	469 672

Fonte: INE, XIV Recenseamento Geral da População, 2001; Projecções da população residente (elaboração própria).

²⁶ Siegel, J. S. and D. A. Swanson, (eds), *op. cit.*

No entanto, o envelhecimento acentuar-se-ia (Quadro 9), quer na base da estrutura etária originado pela redução no número de jovens (em 2021, a Região contaria apenas com 10%), quer no seu topo, devido ao aumento no número de idosos (que atingiriam os 28%).

Quadro 9

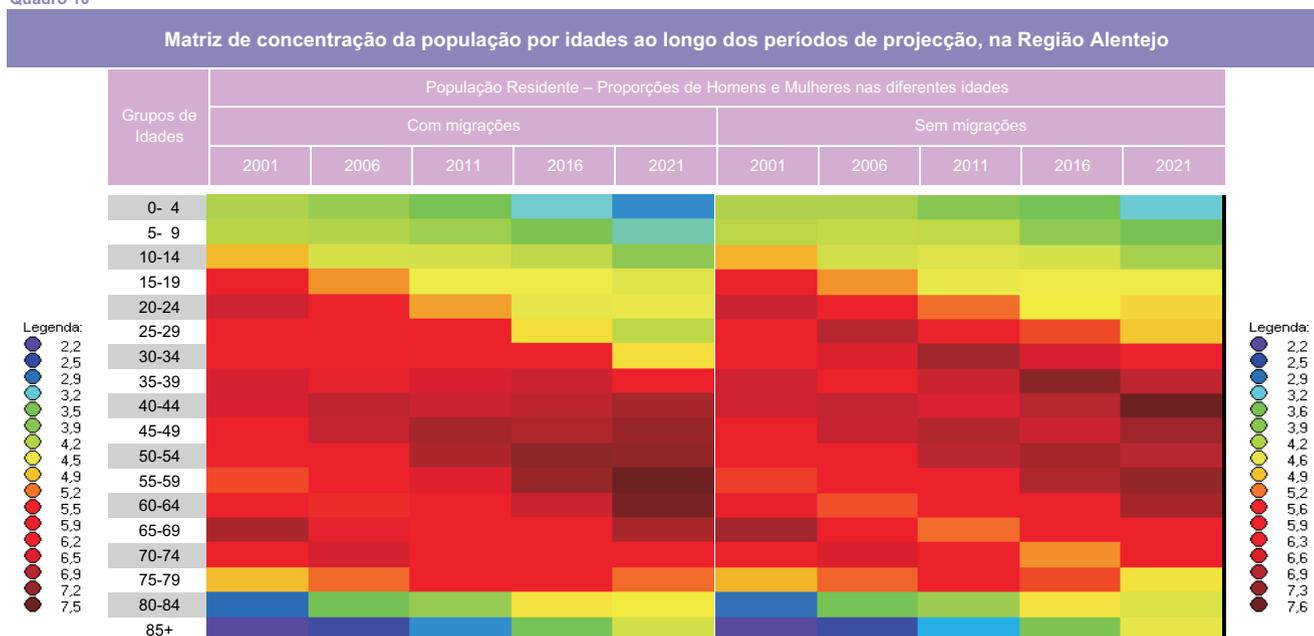
Indicadores de envelhecimento da população, recenseada e projectada, na Região Alentejo						
		2001	Com migrações		Sem migrações	
			2011	2021	2011	2021
Percentagens	Jovens	13,5	12,4	10,4	12,8	11,2
	Activos	63,0	62,5	61,5	63,0	62,9
	Idosos	23,5	25,1	28,1	24,2	25,9
Índices de Envelhecimento		173,4	201,9	268,9	189,5	231,9
Rácios de Dependência	Jovens	21,5	19,8	17,0	20,3	17,8
	Idosos	37,3	40,1	45,7	38,4	41,2
	Total	58,8	59,9	62,6	58,7	59,0
Idade mediana da população		42,2	45,4	49,4	44,3	47,1

Fonte: INE, XIV Recenseamento Geral da População, 2001; Projecções da população residente (elaboração própria).

Verificar-se-ia igualmente uma redução de -1,46% na proporção de residentes em idades potencialmente activas (entre os 15 e os 64 anos completos). A própria população activa também envelheceria, aumentando os grupos de idades superiores a 40 anos a sua proporção no conjunto da população activa. Pelo contrário, os grupos de idades inferiores a 40 anos diminuiriam a sua proporção no conjunto da referida população activa.

A representação gráfica da distribuição da população recenseada (por sexos e idades) em 2001 e da esperada em função das hipóteses admitidas no cálculo das projecções para os anos civis de 2011 e 2021, elucida de forma clara as consequências descritas (Quadro 10).

Quadro 10



Fonte: INE, XIV Recenseamento Geral da População, 2001; Projecções da população residente (elaboração própria).

Discussão de Resultados

A perda de população residente, devida à emigração e ao conseqüente envelhecimento dos que permanecem na Região, parece ser uma constante nas últimas décadas.

Na década de 70, Nazareth (1979)²⁷, que classificou os distritos portugueses em função dos respectivos perfis migratórios, integrou no Grupo I os distritos alentejanos de Beja, Évora e Portalegre que, entre 1961 e 1970, apresentaram valores negativos em todos os grupos de idades, demonstrando os elevados níveis de emigração (líquida) da Região nessa década, justificando a hipótese de que o retorno tivesse estado na origem da imigração líquida observada nos grupos de idades a partir dos 55 anos.

Os valores estimados (referentes à década de 90), apenas surpreendem pelo facto das tendências não terem sido contrariadas, antes acentuadas.

A tendência verificada da imigração não compensar, em termos líquidos, a emigração, nos grupos de idades jovens e potencialmente activas (em particular no caso das mulheres), também se tem vindo a registar na Região desde há algumas décadas atrás.

Uma série de indicadores demográficos para Portugal ao nível de distritos, entre eles a taxa do saldo migratório intercensitário por sexos separados, foi apresentada por Oliveira (2006)²⁸. Partindo do princípio de que esta taxa tenha sido calculada por aplicação da equação de concordância, e apesar de não sabermos qual o denominador utilizado para o seu cálculo, podemos verificar que, de um modo geral, esta taxa tem vindo a ser negativa para o conjunto dos três distritos alentejanos (Beja, Évora e Portalegre) desde os anos 40. Exceptua-se, no caso dos homens, o período de 1970-81, caracterizado pelo retorno das ex-colónias. De notar que, no caso das mulheres, os valores são sempre negativos desde a década de 40, sendo na última década estudada por aquela autora (1970-81) claramente superiores aos dos homens.

Estes resultados enquadram-se numa situação de permanência de valores expressivos de emigração ao nível nacional. Apesar de, a partir de 1993, Portugal ter registado uma migração líquida positiva, isto é, valores de imigração superiores aos da emigração, tal não significou que a emigração se tenha anulado, muito pelo contrário.

Moreira (2006)²⁹ revê de modo exaustivo as fontes e a metodologia de recolha da informação estatística sobre a emigração portuguesa, e salienta que a informação disponível (relativamente aos anos mais recentes) permite concluir que a componente imigratória passou a ter maior proporcionalidade no saldo migratório externo. Todavia, os números da emigração não têm sido irrelevantes, estimando-se um valor actual que oscila entre os 20 000 e os 30 000 emigrantes. Segundo o autor, Portugal tornou-se numa placa giratória de movimentos migratórios, saindo cidadãos nacionais para os países de destino habitual da emigração portuguesa e entrando cidadãos estrangeiros oriundos maioritariamente dos países africanos de língua portuguesa, do Brasil, dos países do Leste Europeu e do Extremo Oriente.

De acordo com a análise efectuada pelo autor, para o período de 1960 a 1988, só o Baixo Alentejo apresentou uma taxa bruta de emigração considerada média, tendo todas as restantes NUTS III que compõem a Região Alentejo sido consideradas de baixa emigração no contexto nacional.

Tratando-se de uma análise regional, a emigração total no modelo inclui a componente emigratória interna, a qual poderá ter um contributo muito relevante no cômputo global das saídas da Região.

Gonçalves (2003)³⁰ apresenta distintas metodologias de estimação do saldo migratório interno no período de 1991 a 2001, efectuado a partir dos dados dos censos de 1991 ao nível de NUTS II. Para a Região Alentejo, o autor estima (de acordo com o princípio do saldo migratório constante, apurado no momento censitário) um

²⁷ Nazareth, J. M., (1979), *op.cit.*

²⁸ Oliveira, I. T., (2006), Indicadores Demográficos nas Regiões Portuguesas entre 1890 e 1981, in *Revista de Estudos Demográficos*, nº 38, Notas e Documentos, INE, Lisboa, p. 141.

²⁹ Moreira, H. (2006), Emigração Portuguesa, Estatísticas Retrospectivas e Reflexões Temáticas, in *Revista de Estudos Demográficos* nº 38, INE, Artigo 3, p. 4.

³⁰ Gonçalves, J. H. D. (2003), Metodologias de cálculo do saldo migratório interno anual: três metodologias e a sua aplicação ao caso português, in *Revista de Estudos Demográficos*, nº 34, Notas e Documentos, INE, Lisboa, p. 157.

saldo migratório interno anual de -1 281 indivíduos. Pela introdução de matrizes de probabilidades de transição, obtém uma estimativa do saldo sempre negativa, entre 1991 e 2001, mas com valores absolutos gradualmente menores.

A estrutura da migração líquida estimada revelou que as entradas de população mais expressivas se verificaram nos grupos de idades acima dos 35 anos, com especial incidência nas idades compreendidas entre os 55 e os 65 anos.

Se, no caso dos grupos de idades mais avançadas, se poderá admitir uma hipótese explicativa baseada no retorno dos emigrantes das décadas de 60, 70 e mesmo 80, já no que respeita às idades acima dos 35 anos, mas ainda potencialmente activas, foi notória a influência naquele resultado do contingente imigratório do Leste Europeu. Todavia, nada garante que os imigrantes com aquela proveniência continuem a escolher Portugal (e a Região Alentejo) como destino.

Rosa (2005)³¹ refere que o aumento da imigração, de acordo com dados do SEF, medido pelo número de cidadãos de nacionalidade estrangeira em situação regular em Portugal, tem vindo a aumentar de forma muito expressiva, representando, em 2004, 5% do total da população residente. Refere ainda o aumento da representatividade dos cidadãos dos países do Leste Europeu neste contingente de imigrantes recentes. Todavia prevê que o alargamento da UE (em Maio de 2004) poderá contribuir para um aumento da atracção de cidadãos desses recentes países comunitários sobre outras zonas geograficamente mais próximas e que, neste contexto, a pressão migratória sobre Portugal poderá ser afectada, diminuindo os fluxos de estrangeiros do Leste Europeu que têm marcado recentemente a imigração para Portugal.

Tendo o ano de 2001 sido reconhecidamente atípico no que se refere ao processo de legalização de imigrantes, a expectativa actual é a de que aquele contingente se venha a reduzir gradualmente. Tal situação poderá implicar igualmente um aumento da emigração líquida nas idades entre os 35 e os 55 anos.

Baganha, Marques & Góis (2006)³² através da aplicação, em 2002, de um inquérito a uma amostra de imigrantes em Portugal originários de países da Europa de Leste, concluíram que, a manter-se o projecto migratório identificado no inquérito, existiria uma enorme propensão de retorno ao país de origem. Demonstraram que a emigração do Leste Europeu para Portugal foi um movimento intenso que ocorreu essencialmente no decurso do ano de 2001, devido às excepcionais condições de regularização de imigrantes que se verificou entre Janeiro e Novembro desse mesmo ano e que em seguida abrandou significativamente.

Em conclusão, os resultados estimados pelos diversos autores afirmam a continuidade de um quadro migratório que acentua as fragilidades demográficas da Região Alentejo.

As conclusões retiradas revelaram, de um modo geral, a continuidade de um quadro migratório que acentua as fragilidades demográficas da Região.

Com efeito, para além do facto de a imigração líquida se concentrar nas idades mais avançadas da estrutura etária (correspondentes às idades de reforma e de pré-reforma) - o que configura um retorno de não-activos originários do Alentejo ou a escolha daquela região enquanto local privilegiado para viver a pós-actividade - os valores da emigração líquida nas idades activas jovens mostram que o futuro demográfico da Região (tal como a renovação das gerações através dos nascimentos futuros) se afigura comprometido.

Face à diversidade de resultados referentes à migração líquida estimados pelos diferentes autores, resultantes da utilização de metodologias diversas, importa confrontar tais resultados e tentar identificar aqueles que poderão estar mais em consonância com a realidade migratória na década de 90 na Região Alentejo.

No processo de estimação das migrações líquidas neste trabalho, os resultados obtidos foram diferentes para cada um dos métodos utilizados ("forward", "reverse", média e corrigido pela fórmula de Siegel), embora não muito díspares.

³¹ Rosa, M. J. V., (2005), (Des)encontro entre as Migrações Internacionais (laborais) e as Qualificações (escolares): o caso dos europeus de Leste em Portugal, SociNova, Migration, Universidade Nova de Lisboa.

³² Baganha M. I., J. C. Marques and P. Góis, (2006), Imigrantes de Leste em Portugal, in *Revista de Estudos Demográficos*, nº38, artigo 2, INE, Lisboa, p. 31.

O método mais usado e, na maioria dos casos, o mais adequado é o método “forward”³³. Relativamente às diferenças entre este método e o método “reverse”, há consenso entre os autores em relação a três questões básicas: (1) Dado que a probabilidade de sobrevivência é positiva, os dois métodos apresentam sempre para o mesmo grupo de idades, o mesmo sinal. (2) Dado que a a probabilidade de sobrevivência é inferior a 1, os dois métodos dão estimativas diferentes: quanto mais próxima de 1 for a probabilidade de sobrevivência, mais pequena será a diferença entre as estimativas. Assim sendo, as diferenças entre ambos os métodos aumentam nas idades mais avançadas e também para períodos intercensitários mais recuados. Finalmente (3), e também pelo facto da probabilidade de sobrevivência ser inferior à unidade, o método “reverse” origina sempre uma estimativa mais elevada da migração líquida do que a obtida pelo método “forward”.

As diferenças nas estimativas da migração líquida, obtidas por ambos os métodos, são consequência das estimações dos óbitos ocorridos. No método “forward” apenas são estimados os óbitos dos indivíduos presentes no início do período (1991), o que significa que os óbitos registados entre os imigrantes (internos e internacionais) estão à partida excluídos dos cálculos (ou do resultado); pelo mesmo princípio, os emigrantes (internos e externos) que tenham morrido durante o intervalo serão duplamente contabilizados. O método “forward” assume implicitamente que todas as migrações ocorreram no fim do período; somente neste caso o método fornece uma estimativa correcta da migração líquida.

O método “reverse” também introduz algum enviesamento na estimativa dos óbitos, na medida em que “faz reviver” os imigrantes como se eles sempre tivessem vivido na região. Tão pouco contabiliza os óbitos dos emigrantes que teriam morrido na região se não tivessem emigrado. Este método assume implicitamente que todo o fluxo migratório ocorreu no início do período.

Pelas razões atrás explicitadas, o método da média apresenta-se como uma escolha óbvia e aparentemente correcta. Todavia, para alguns autores, este método não implica que a migração se tenha distribuído uniformemente ao longo do período ou que se tenha concentrado no seu meio.

O principal critério a utilizar para a escolha de um dos três métodos seria a distribuição, ao longo do tempo, dos fluxos imigratório e emigratório que, obviamente, não conhecemos. Mas podemos, pelo menos, escolher o método que tenha associado o menor erro e permita conhecer a direcção do enviesamento.

De acordo com Wunsch (1978), o método “forward” subestima sempre os números da migração líquida, enquanto que o método “reverse” os sobrestima. O método da “média” umas vezes subestima-os, outras sobrestima-os, dependendo dos valores da probabilidade de morte e da hipótese elaborada sobre a distribuição temporal dos fluxos migratórios. Se a migração se distribuir uniformemente ao longo do período, ou se concentrar no fim, o método da “média” sobrestima o verdadeiro valor da migração líquida. Se, pelo contrário, os fluxos migratórios se concentrarem no início do período, o método produz uma estimativa correcta. Quer isto dizer, o método a utilizar será função da hipótese elaborada sobre a distribuição dos fluxos migratórios ao longo do período, dependendo da probabilidade de morte, e, nesse caso, da idade para a qual a migração líquida estiver a ser estimada. No entanto, sempre que a probabilidade de morte for reduzida, isto é, se a análise for limitada às idades jovens (com excepção da mortalidade infantil) e activas, qualquer dos métodos gerará resultados muito semelhantes. Pelo contrário, nas idades mais avançadas, dever-se-á ter em conta que qualquer viés introduzido por estes métodos indirectos terá um largo impacto nas estimativas obtidas. Com algumas excepções, desaconselha-se a estimação da migração líquida nestas idades. Alguns autores optam por não apresentar valores para as idades mais avançadas (Nazareth, 2004).³⁴

Em alguns casos poderá existir alguma informação exógena sobre a distribuição provável da migração líquida, o que poderá contribuir para melhorar a decisão sobre o método a usar.

No contexto do presente trabalho, a informação disponível sobre a população estrangeira com estatuto de residência legal na região, no final do período, aponta para uma duplicação em relação ao início (ver quadro abaixo). Como a migração líquida total tem sinal positivo, assume-se que, pelo menos a imigração (interna e externa), se concentrou mais no final do período. Nestas circunstâncias, o método “forward” fornece, em termos gerais, as melhores estimativas.

³³ Wunsch, G. and Termote, M, (1978), *Introduction to Demographic Analysis*, Plenum Press, New York, p. 211.

³⁴ Nazareth, J. M. (2004), *Demografia a Ciência da População*, Editorial Presença, Lisboa, p. 267.

Quadro 11

População estrangeira residente nos Distritos de Beja, Évora e Portalegre, 1991-2001											
População estrangeira residente	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Distritos de Beja, Évora e Portalegre	1 444	1 481	1 641	1 800	1 898	1 970	2 078	2 168	2 402	2 712	2 988

INE: Dados alterados em 2006/01/09 – População estrangeira com estatuto legal de residente, segundo a distribuição geográfica de residência

Contrariamente ao que seria de esperar, o saldo migratório positivo observado na década de 90, na Região Alentejo, pode afectar negativamente a estrutura da população no futuro, agravando expressivamente o seu envelhecimento.

A partir de um exercício simples de extrapolação, foi possível constatar que a manutenção, durante os próximos 20 anos, de um saldo migratório idêntico ao observado entre os dois últimos censos, seria negativo para a demografia da Região, pelo agravamento do nível de envelhecimento (tanto na base como no topo da pirâmide de idades), e pela concomitante redução na proporção de activos.

A causa desta aparente contradição poderá ser revelada pelo perfil da migração líquida estimada para aquele período. Aquele perfil mostra claramente que a Região perde população nos grupos de idades activas jovens. Esta situação, que se verifica em ambos os sexos, é especialmente evidente no caso das mulheres, o que contribui (de entre outros efeitos) para uma redução ainda maior no número de nascimentos. Acresce ainda que, ao revelar uma maior importância nas entradas nas idades mais avançadas, a imigração líquida teve um efeito directo de aumento da proporção de idosos e, consequentemente, um efeito indirecto na diminuição da proporção de jovens.

A manterem-se sem alteração os níveis de fecundidade da população, o número de nascimentos esperados diminuirá inexoravelmente, pelo simples facto das mulheres emigrarem fortemente, principalmente entre os 20 e os 30 anos. De acordo com o modelo de migração líquida estimado, a entrada de mulheres imigrantes, nas mesmas idades, não compensaria de modo algum o número de saídas.

Em conclusão, apesar da existência de uma migração líquida positiva, em termos globais, o défice no número de nascimentos acentuou-se ainda mais.

Conclusões

Os censos são uma fonte de informação, directa e indirecta, sobre as migrações. Por um lado, o questionário dos censos contempla algumas perguntas directas relativas às migrações (por exemplo, as referentes ao local de residência um ano antes e cinco anos antes), o que possibilita uma avaliação aproximada dos migrantes - não só no que se refere ao número como também às suas características. Por outro lado, os censos, conjuntamente com as estatísticas vitais, permitem estimar, de uma maneira indirecta, as migrações líquidas. De acordo com os objectivos delineados no início deste estudo, foi este segundo atributo que nos interessou explorar. Apesar das limitações metodológicas, esta análise contribuiu para esclarecer qual a contribuição da migração líquida na evolução da população da Região Alentejo na última década do século XX.

A principal conclusão a retirar é a relevância da desagregação da migração líquida total em função do sexo e da idade, que permite avaliar em pormenor o comportamento das entradas e saídas na Região e diferenciar a sua capacidade de atracção para homens e mulheres, jovens, activos e reformados. Os resultados que, inicialmente, pareciam ser indiscutivelmente positivos para a Região, surgem-nos agora, na sequência daquela desagregação, com evidência de implicações negativas. Ficou demonstrado, ao decompor o saldo migratório líquido total, que ele é resultado da combinação de uma imigração líquida nas idades acima dos 35 anos (em particular, entre os 55 e os 65 anos) e uma acentuada emigração líquida entre os 20 e os 34 anos (com maior incidência no caso das mulheres). Esta composição dos fluxos migratórios de entrada e de saída é duplamente negativa para a Região, em termos demográficos, económicos, sociais e políticos.

As repercussões futuras mais gravosas para a Região (por serem inevitáveis e irrecuperáveis), são as que derivam do agravamento do défice de nascimentos originado pela emigração da população feminina em idade fértil, entre 1991 e 2001.

O futuro demográfico da Região (por exemplo a renovação das gerações através dos nascimentos futuros), surge inexoravelmente comprometido, a não ser que o perfil migratório se inverta radicalmente, isto é, que passe a registar-se uma expressiva entrada de homens e, principalmente, de mulheres com idades compreendidas entre os 20 e os 35 anos (caracterizadas por uma fecundidade mais elevada)³⁵. No entanto, mesmo que esta mudança em termos de fluxos migratórios se possa vir a observar, o défice actual de nascimentos irá afectar obrigatoriamente a dimensão das respectivas coortes ao longo do tempo.

No que respeita à metodologia seguida existem duas constatações finais que merecem destaque.

Em primeiro lugar, dado que as estimativas serão tanto mais ajustadas quanto mais correctas forem as probabilidades de sobrevivência utilizadas, o perfil da mortalidade utilizado, por sexos e idades, é determinante para a exactidão dos resultados. Em virtude de o Alentejo ser uma região com uma mortalidade baixa e, conseqüentemente, com uma esperança de vida elevada, esta fragilidade do método reflecte-se, principalmente, nas estimativas das migrações líquidas nos últimos grupos de idades. Por essa razão, os valores obtidos para as mulheres com 85 e mais anos são aqueles que apresentam um maior enviesamento.

Em segundo lugar, e dado que a imigração líquida se concentrou maioritariamente no final do período em análise, o método “forward” seria o que teria proporcionado resultados mais ajustados.

As projecções demográficas realizadas no presente trabalho, de acordo com um cenário em que se mantêm todas as tendências, revelaram, de um modo geral, a continuidade de um quadro demográfico que agrava as fragilidades da Região Alentejo.

Agradecimentos

A autora agradece a Maria da Graça David de Moraes, José Eliseu Pinto e Isabel Tiago de Oliveira, todo o apoio, comentários e sugestões neste e noutros trabalhos. Agradece também a Maria José Carrilho pelo incentivo.

³⁵ Na Região Alentejo, em 2001, cada mulher tinha ao longo do seu período fértil, em média, 1,37 filhos, de acordo com a estrutura da fecundidade por idades, entre os 15 e os 49 anos completos. Este valor é bastante inferior ao número de filhos que, em média, uma mulher deveria deixar na população de modo a garantir a substituição das gerações: 2,1 filhos.